

3 1761 07041242 4

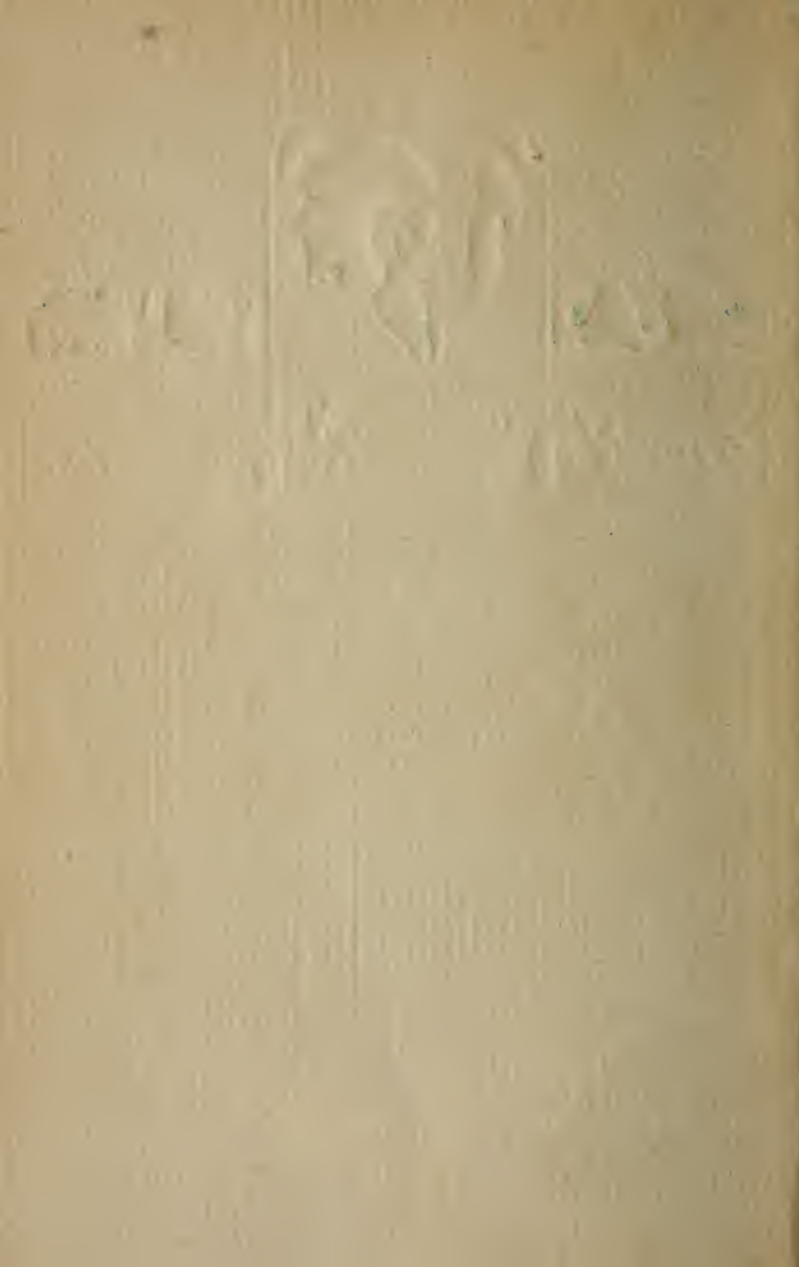





ANTONIO·CORRÊA·D'OLIVEIRA



·PÃO·NOSSO·ALE-
GRE·VINHO·AZEI-
TE·DA·CANDEIA·





Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

PÃO·NOSSO·ALE-
GRE·VINHO·AZEI-
TE·DA·CANDEIA·

BRANDY
CREATED BY
THE COMPANY

ANTONIO·CORRÊA·D'OLIVEIRA



PÃO·NOSSO·ALE-
GRE·VINHO·AZEI-
TE·DA·CANDEIA·



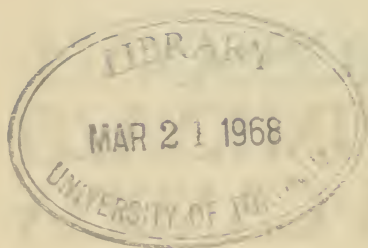
PORTUGALIA

EDITORA

Rua do Carmo, 75

LISBOA

PQ
9261
C623P3



•Laudato si, mi signore, per sora nostra matre terra,
la quale ne sustenta et governa
et produce diversi fructi con coloriti flori et herba».

(*San·Francisco de Assis*)

«Pão, vinho e riso, e parte no Paraiso».

(*Do Povo*)



A Vós, meus versos: como a espuma á Onda,
Ao Ramo, a folhia, pálida e cahida.

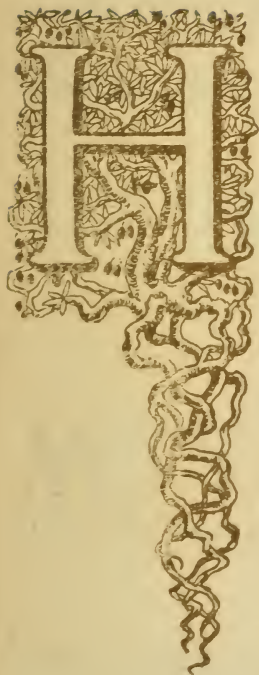
—O' rusticos Heroes, que em mansa lida
Mourejaes sôbre a terra, e a terra esconda:
Cavaleiros da Távola-Redonda
E nobres Armas que nos dão a vida...

A Vós, meus versos: como a espuma á Onda,
E a folhia, ao Tronco de onde foi nascida.





INSCRIÇÃO



OMENS, voltae a Deus. Filhos da Terra,
Perdendo a alma em lôbrega distancia,
Voltae á Mãe de eterno amor e infancia
Voltae á paz christã, depois da guerra.

Sôbre as azas do sol, poisou, na serra,
A clara Primavera: Estancia a estancia,
Clamando vem os hinos da abundancia,
Em cada flôr que as pétalas descerra.

Passos de Heroe, embebam-se na leiva.
Lagrimas, não! Mais sangue, não! - A Seiva
Côrra em diluvios. Cante-se a caminho...

Resae! Arae! - "Mal vae, se em Portugal
Não ha trez cheias antes do Natal,"
Não de agua: mas de Azeite, Pão e Vinho.



PÃO NOSSO

MARCANDO á vida um fulgido segundo,
Alto, bronzeo relógio da Escritura,
Sôa,—em louvor da edénica fartura
Dos nossos Paes, ao começar do mundo,

Que sol magnânimo! e que chão fecundo!
Um, a Abundancia; o outro, a Formosura...
—Adão! foi esse o mal: Facil ventura,
Sem dôr, esfôrço, ou vivo amor profundo.

Tiveste os frutos de oiro, antes da Fome!
E grandiloqua agua, antes do nome
Da Sêde, que faz d'ela uma alegria...

Ah! — lavadas as mãos, enxuto o rosto
Do bom suor, — nunca soubeste o gôsto
Do pão que nós ganhamos, dia a dia.





A AGUA E O FOGO DO PARAISO

Em vão sorrira a Fonte de Oiro! Em vão
Rompêra o Fôgo oculto, que viera
Abrir em mansa e tímida cratera,
Feita, por Deus, lareira de Eva e Adão!

Perdido fôra o Paraíso... Então,
Ficou, de herança, o Exílio e a Dôr. Austera,
A Morte veio; e a Vida é uma quimera:
—A Sêde eterna, um sôrvo de Ilusão.—

Chorou a Agua com saudades de Eva;
Chorou o Fogo, espedaçando a treva,
A alumiar Adão em seu caminho...

—E foram essas lagrimas sem par
Que a terra transfundiu, para nos dar
Filtro de Amor, Sangue de Christo: o Vinho!





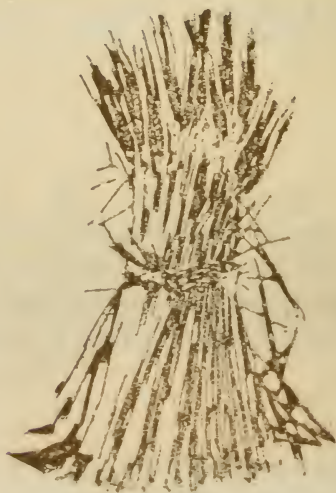
NA SOMBRA DAS IDADES

MAL o mundo era um berço, sob o afêro
Do Cáo antigo, quando a nossos Paes
Embalaram os braços maternas
Da Vida: o céu e a terra: o amor e o êro.

Almas de Arcanjo, em lôbreo destêro;
Semelhanças de Deus; feras aos ais;
Pobres vermes do chão, em lodaçaes;
Aguias, subindo á luz de cêro em cêro.

Abriram-lhes o leito os cataclismos.
A água, inda era a baba dos abismos.
E o pão... Não tinham pão, esses Anteus!

—Devoravam: raizes, amassadas
Nas durezas da terra, e fermentadas
Na cinza e sal da maldição de Deus...





A MAÇÃ E A HOSTIA

BANQUETE de delicia, o Paraiso!
Festim dos homens, quem o serve? Deus!
A meza, é o chão; a toallia, a luz dos céus;
E vinho, o heroico e universal sorriso.

Depois, veio Satan... E foi preciso
O castigo da Culpa, entre escarcéus
De aguas e fogo; o sol em negros véus;
Os pés em chaga, doloroso pizo.

A Dôr remiu os homens... Eden santo,
Que Jesus encontrou, lavado em pranto,
Onde nos leva o Sacrificio, o Amor!

O Fruto-mau, tornou-se em Hostia pura:
(Ah! nobre orgulho...) E é hoje a criatura
Que dá um tal Banquete ao seu Criador!





LIÇÃO DAS FERAS

ANTES dos Homens, existia a Fera:
Na Vida, é ela quem nos inicia...
(Ai de nós! ai de nós! Inda hoje em dia
Esta herança fatal nos desespera.

Em meio da Floresta, obscura e austera,
Já Templo de misterio e de harmonia,
—O Homem segue o Monstro: observa e espia,
Assombrado de horror e de quimera...—

O Monstro guia os Homens: O seu rasto
Levava-os á Caverna, á Fonte, ao vasto
Campo, onde os frutos tombam pelo chão.

Ensina-os a viver...—Da mesma sorte,
Ensinou-lhes, tambem, a dar a morte:
A devorarem Carne, em vez de Pão!





O GESTO DE SEMEAR

Á DURA mão dos homens, (tão vezeira,
Por nosso mal, ao crime e á maldição)
Quem revelou o Gesto, em graça e unção,
Que faz, por sôbre a terra, a sementeira?

Seria a leve nuvem, que peneira
Chuvras de maio, ao som da viração?
Ou as ondas do mar, que vêm e vão?
Ou paio de ave, na canção primeira?

Ou, mesmo, a brava messe, que marulha
Ao vento, e ondeia, enquanto se debulha,
Reflue, esvoaça, e pára, e recomeça?...

—Foi Deus quem inspirou (o mais, é fábula!)
Este Gesto de luz: esta Parábola:
Este infinito Acceno de promessa...





O CANTO DAS SEARAS

É CERTO que, na terra primitiva,
—Fôsse ela um Eden, onde Deus passára,
Ou tormentosa estancia, adusta e avara,—
Ruflava a Seiva, palpitante e viva.

Gramineas, pipilando em voz esquivada,
Quem as juntou em ronda, em onda clara,
No largo Canto estrídulo da Seara,
Em chão lavrado, sob a luz festiva?

Dantes, acaso, as liervas mais afoitas,
Chocas de sol, apenujavam moitas:
O vento, apenas, lhes deitava os ovos...

Azas do Pão!—Quem as chamou primeiro?—
Verde pombal, á porta do celeiro:
Arrulhos de oiro entre vinhedos novos!





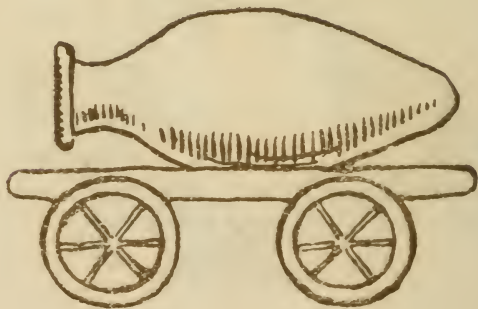
A SEIVA-ESPIRITO

G ELOU-SE o Fogo em pedra diamantina;
O Mar, ardeu na perola, a mais pura;
—Que seculos andou a Seiva obscura,
Buscando o fim que a vida' lhe destina?—

Foi rude tronco, e ramo; peregrina
Urna de aroma, em vária formosura;
Mas pétala, ou perfume que não dura:
Pronúncia vã d'uma expressão divina...

A Seiva fez-se em Vide; a Vide, em baga
De ambar, rubim, que a nossa bôca esmaga:
Já fruto, e sangue. Espirito?... Inda não!

O Vinho, emfim! Emfim, o Alento e a Graça:
—Alma do Sol, a trasbordar na taça
De Hercules môço ou nosso avô Platão!





A CANDEIA DE HOMERO

Em que subtis e limpidos crisoos
De Misterio, se apura e oculta a vida?
Em que tear e fios é tecida
A Fé do Santo, a fôrça dos Heroes?

Fez-se, talvez, (sei lá!) de tantos soes
Mortos no espaço em luminosa lida,
A lampada primeira a Deus erguida,
A cristalina voz dos rouxinoes...

Destinos, fluidos, Alquimia estranha!
—Que Estrêla ignota, semelhante a aranha,
Urdu meus Sonhos em siderea teia?—

A candeia de Homero, por memoria,
Talvez que Deus a transformasse, (em gloria
E em céus longinquos), noutra Lua-cheia!





A EPOPEIA

NAS apolíneas páginas do Poema,
Não me enternece a forte humanidade
Quasi sem Dôr, ainda sem Saudade:
De rosas, não de espinhos, seu diadema.

Não amo o claro Olimpo, a arder na gema
De eternos soes, pois nunca a sombra o invade;
Nem a troante e barbara verdade
Do Concilio dos Reis, e a manha extrema.

Nem o fulgor das pulcras armaduras;
Contos de amor; ciclópeas aventuras;
Ataúdes em chama; céus estranhos...

—Mas, sim, Princezas ao tear; e Heroes,
Deixando o gládio, á voz dos rouxinoes,
A arar seus campos, a guardar rebanhos!





A MAIOR ARTE

E DIZ o Poeta, mergulhando a vista
Nos intérminos pélagos da Ideia:
—“Sou o Senhor do Carme e da Epopeia,
Espírito da Luz... Eu sou o Artista!”—

E diz Orfeu:—“A quanto não exista,
Dou alma e corpo, em Som que revolteia...”—
O Imaginario diz:—“A Forma, é cheia
De Deus: Revelo Deus... Eis a Conquista!”—

E diz o Lavrador:—“Sou Natureza!
A Arte, imita,—apenas,—a beleza...
Só eu criei a vida, e sei vivê-la!

“Que Concêrto de Amor teria dado,
Se pudesse vibrar o meu Arado,
Não só na terra, mas de estrêla a estrêla!”—





A TENTAÇÃO DOS DEUSES

Os velhos Deuses, para seu sustento,
Tinham, no Olimpo, o Nectar e a Ambrosia;
Aos pobres homens, coube a terra fria:
O Pão e o Vinho, em duro sofrimento.

Cantando e arando,—ao largo o Pensamento!—
Invejam-lhes, os Numes, a alegria:
E querem as Primicias, dia a dia,
Das searas e pampanos ao vento.

Céres, e Flora e Pan, tomaram gôsto
Aos bôlos de farinha, ao loiro môtto,
Fartos de Nectar, Gloria e Eternidade!

—Deuses e Niufas, por manhãs radiosas,
Lá vão! entre vinhedos, pão e rosas,
Em Folia pagã, de herdade a herdade...





A ENXADA

TUDO quanto viveu, por artificio
Dos homens, no fragor das Gerações,
—Cidades, Templos, Tumulos, Legiões,—
Tudo se esvae em negro precipicio...

Bem, que hontem foi, é hoje um maleficio !
As nossas almas, são como os vulcões:
Trazendo já, na luz das Concepções,
A cinza e o pó do extremo sacrificio.

Só ficaram, eternas, na distancia
Dos Tempos, sempre em linda e clara infancia,
A Lavoira, o Pomar, a Vinha e as Hortas...

— Quantas vezes, a Enxada que cultiva,
Encontra restos, sob a terra viva,
De Deuses mortos, de Cidades mortas!





DEPOIS DO DILUVIO

O MAR e o céu, em ataúde, em urna,
Fecham o Mundo, o rude heresiarca;
Em cima, a escuridão, que tudo abarca;
Em baixo, a agua, gélida e soturna.

Cumpriu-se o tempo. Enfim, á luz diurna,
Noé,—o derradeiro Patriarca,—
Sahiu, no cêrro enxuto, ás portas da Arca:
Velho leão, rompendo d'uma furna.

—“O Mundo é teu!” — diz-lhe Elohim. — “Senhor!
Porque me daes o desespêro e a dôr?
O céu morreu, e a terra abriu-se em cova...” —

Fez Deus, então, que êle inventasse o Vinho:
—“Oh! como é bom... Fui trôpego, e caminho!
Sou môço! a vida é bela! a terra é nova!” —





O MANÁ

QUE dia imenso! Que deserto imenso!
Qual o mais longo e ardente? qual seria?
Era um deserto de agonia, o dia!
Era o deserto um seculo suspenso!

E o Povo geme, no deserto imenso:
A sêde, a fome, e o sol... — "Onde a Alegria,
Senhor! onde a Abundancia?" — E Deus sorria...
A sombra, vem, em fumaréus de incenso;

A noite, cae. Orvalha... De mansinho,
No céu, como em cabouco de moíño,
Os astros começaram a rolar:

Chove Maná sôbre o deserto inteiro...
—“Farinha assim! Quem foi o seu Moleiro?”—
E Deus sorria, todo branco, ao luar.





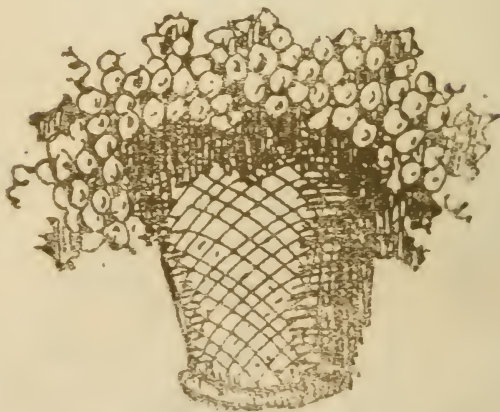
AS PRIMÍCIAS

Foi Deus quem deu, ao bom Moisés, a traça
Do próprio Santuario: A mão divina,
Desenhou linhas, deu a côr mais fina,
(Assim criára o mundo!) a fôrça e a graça.

A chama do poente é mais escassa
De rasgo e ardor! E a ave pequenina,
Com menos arte, ou miudez, combina
Seu ninho, e a argila ás penas entrelaça.

—Nuvens de purpura, em montanhas de oiro...—
Mas ha, no Tabernáculo, um tesoiro,
Alta imagem da vida e da criatura:

—A marchetada meza, á luz aberta,
Onde o céu tem, em oração e oferta,
As Primicias da terra, humilde e obscura.





QUINHÃO DOS POBRES

E RA como se as nuvens, de repente,
Apartadas no céu em tórvo abrigo,
(Milagre e assombro! Bençãos, ou castigo?)
Se fundissem em chamas sôbre a gente!

E, do meio da Nuvem resplendente,
Nos cimos do Sinai, o Deus antigo
Falava com Moisés, de amigo a amigo,
Impondo a Lei eterna, eternamente!

Entre as mil coisas grandes que Êle ensina,
Diz (e tremeu de amor a Voz divina
Onde ha trovões e carrilhões aos dobres):

— “Colhe... Vindima, de alva ao lusco-fusco;
Mas deixa, á farta, os bagos e o rebusco:
Deixa-os, por Deus, ao caminheiro e aos pobres!” —





O DESCANSO DA TERRA

E DEUS, que via os homens sem parança,
Buscando o Pão em sôfrega batalha,
Dizia ao povo de Moisés:—“Trabalha
Seis dias; mas,—ao setimo,—descansa!”—

Depois, olhou a Terra sem esp'rança
De algum repouso; e viu-a, na fornalha
De agosto, ou sob as neves em mortalha,
No seu afan eterno de abastança ...

E Deus sorriu, de pena e amor. Então,
Ao homem disse:— “Acaso, o duro Chão
Não trabalha por ti, do vale á serra?

“Cava-o, seis annos, noite e madrugada!
Mas, ao setimo, deixa-o... Arruma a enxada:
—Seja, tambem, o Sabado da Terra!”—





A SOMBRA DOS DEUSES

ERGUE o teu Cális, pela vida fóra,
Doce benção da meza honesta e cheia;
Tambem Jesus o ergueu, na eterna Ceia
Que nos sustenta as almas iinda agora.

Ergue o teu Cális, como o ergueu a aurora
Por sôbre o chão que o lavrador semeia.
—Ah! seja o Vinho a luz duma candeia,
E não um louco incendio que devora.—

Cális ao alto! Mas cuidado... A chama,
— De muito arder, — em cinzas se derrama:
Cautela! A noite é cinza da manhã...

Cális, Arcanjo de ouro! ao sol divino,
Segue-te a imagem negra... — Eis o destino:
Sombra dos Deuses, rasto de Satan!





AMAR A PATRIA

Povo do Lacio, campesino e rude,
Deixou exemplo neste mundo vário...
Não basta, ao áugur, bardo ou legionario,
Que Marte os fortaleça, Apollo ajude:

—Vem-lhes do Chão a animica virtude! —
O rei, é Sacerdote; o lar, Santuario;
O Trono, á luz do sol em lampadario,
Algum virente e rustico talude.

O' prudencia dos homens! Claro aviso
Dos Deuses! Eis o dom,—o mais preciso,—
Ao bom Juiz dos Povos, ao Soldado:

—Amar a sua Terra...—E qual amor
Mais de raiz, do que o do Lavrador
De rijo peito e coração honrado?





A MÔÇA TERRA LATINA

A TERRA, então, era sonora e cheia:
Lira e tambor de Deuses e de Heroes.
—Ou toda um ninho, em voz de rouxinoes,
Ou bronzeo escudo, em rufos de epopeia!—

A roca e a espada; a armadura e a teia;
O vinho e o mel; o sangue a flux, depois;
O carro da batalha; o arado e os bois;
Lança e aguilhada; exercito e colmeia...

Invoco a Festa, orgiaca e pagã,
De algum Vinhedo consagrado a Pan:
Bailam, em ronda, ou em casaes dispersos;

Ardem fogueiras. Noite. Ha riso e ha canto.
O vinho, jorra aos pés do altar... No entanto,
Virgilio passa, e vae compondo versos.





DOS AMORES DE RUTH

ARFAVA a terra, esplendida de orgulho!
Era ás colheitas: mourejar da sega.
Chamava a gente á rútila refrega,
Por mil trombetas de oiro, o sol de julho.

Vão tombando as searas, num marulho
De claras ondas. Zumbe a cega-rega
Das cigarras. Ao longe, a verde prega
Dum vale. Aguas e pombas, em arrulho...

Humilde, Ruth, atrás dos segadores,
Rebusca entre a restêva:—e colhe amores
Nuns doces olhos onde fez a luz...

—Enfeixando as espigas que encontravas,
Ruth! quem te dissera que enfeixavas
As Gerações de onde sahiu Jesus?





AS BÔDAS DE CANÁ

Foi assim, em Caná de Galileia:
Celebravam-se as Bôdas de alegria
Do Par mais lindo que no mundo havia,
Mas o mais pobre da pobrinha aldeia.

Faltou o vinho, ao fim. E a Virgem, cheia
De caridade, ao bom Jesus dizia:
— "Já não ha vinho... E nem peor seria
Meza sem pão, ou noite sem candeia!" —

Sorriu Jesus, em seu sorrir de magua;
Fez uma cruz por sôbre as talhas da agua:
O vinho corre, alegre, e de sobejo!

E diz a Noiva:—“O derradeiro vinho,
Como era bom!”—E o Noivo diz, baixinho:
—“Melhor, Amor! só o primeiro beijo...”—





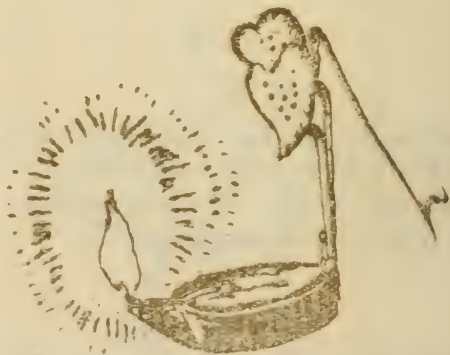
JESUS NO HORTO

As portas do Calvario, a morte em frente,
Jesus,—o Deus eterno das Alturas.—
Foge, um instante, ás outras criaturas:
Sósinho, orou, cruel e longamente.

Senhor do Céu, da Terra e Inferno ardente,
Para beber seu cális de amarguras,
Buscou Silencio e Alma, entre as escuras
Ramas dum vale, humilde e penitente!

Não procurou montanhas deslumbrantes,
Soberba e pompa de arvores gigantes:
Não quiz a gloria, ás horas derradeiras.

Jesus, o bom Jesus de olhar profundo,
Para chorar, para dar luz ao mundo,
Buscou a sombra e a paz das oliveiras!





PÃO DO ESPIRITO

QUAL negra lôba, uivando á lua-cheia,
A humana carne de Jesus divino
Ergueu-lhe, contra a alma, em desatino,
A fauce liante, temerosa e feia.

O frio, a sede e a fome, em alcateia:
Ancias mortaes de misero destino...
Jesus, orava, (imenso e pequenino:
Homem e Deus!) de rôjo, sôbre a areia.

Então, diz-lhe Satan:— “Sei o teu Nome:
E’s Christo, e vens do Céu... Porque tens fome?!
Podes tudo, Senhor! Estende a mão:

“Faze um banquete d’este pedregulho!,” —
— “Eu reso, diz Jesus. Que vale o orgulho?
A Palavra de Deus, tambem é Pão...” —





MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

O povo diz, em triste pranto, aos ais:
— “Senhor! nós temos fome... Vale em serra,
Secam as fontes... A doença e a Guerra,
Levaram nossos filhos, nossos paes.

“Senhor! nós temos fome... Onde é que estaes,
Padre-nosso dos céus? Tambem a terra
E’ vosso Reino: é nela que se encerra
O pão de cada dia que não daes!

“Outrora, no Deserto, a multidão
Buscou-vos. Tinha fome: encontrou pão...
Venha a nós vosso amor, milagre igual!”—

E diz Jesus:—“Foi um milagre, é certo.
Mas buscaram-me, outrora, num deserto...
—E fugiram de mim, em Portugal!”—





EUCARISTIA

NAQUELA noite, mãe de eterna Aurora,
Tomando o Vinho e o Pão, nos disse Christo :
— “Eis o meu Sangue! eis o meu Corpo... Avisto
O Reino de meu Pae: chegou a Hora!

“Comei de mim: Eu sou o Pão... Agora,
Não mais a Fome e a Sêde! O Pão, é isto:
Doce beijo do Céu, onde eu existo,
Na bôca em riso e em dôr que me devora...” —

Depois, ergueu-se a Cruz, á noite e aos ventos:
Mó e lagar dos Seculos cruentos,
A pizar, a moer, devagarinho...

Hostia, redonda como o sol e o mundo;
Cális, mais fundo do que o mar profundo...
—Bemdito seja o Pão! Bemdito o Vinho!





A LUA

Ó LUA! cheia de Poder oculto,
De feminina e mística magia...
Até lembra dizer: — Avé, Maria! —
Quando surge, das sombras, o teu vulto.

Foste adorada em primitivo culto.
Tens segredos no berço e na agonia,
E no tempo de Deus, que tudo cria:
O sangue e a seiva e as ondas em tumulto...

Nove romagens, círculos divinos,
Fazes no Espaço (esfinge dos destinos),
Sôbre o ventre das Mães, em sonho vário.

Lua de Março! és tu a que se espera...
— Transfiguras a terra em primavera,
Para que Deus resurja do Calvario!





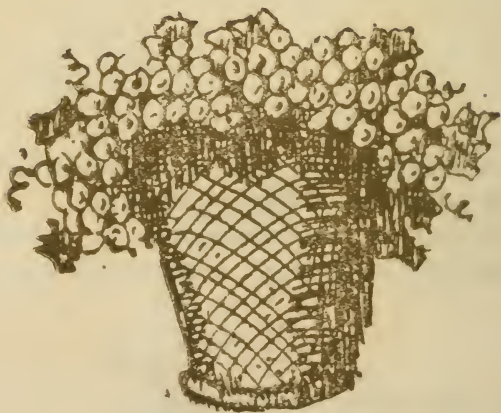
LADAINHAS DE MAIO

PELA Ascensão, em maio, á voz da Igreja
Ha preces, procissões, e ladainhas,
Por entre as sementeiras, entre as vinhas,
Para que Deus as guarde, — e mesmo as veja...—

Lá vão, terras além, mal rumoreja
O sol em opa de oiro. As campainhas,
Tlintam, chamando o Povo e as avesinhas :
Pois tudo reza, como quer que seja!

E' quando o vento é bafo de perfumes;
Quando as rosas acendem os seus lumes;
Quando, nos ninhos, vão abrindo os ovos...

—Na cruz, entre as searas, nosso Pae
Até parece um lavrador que sae
Ao campo, a deitar conta aos seus renovos!





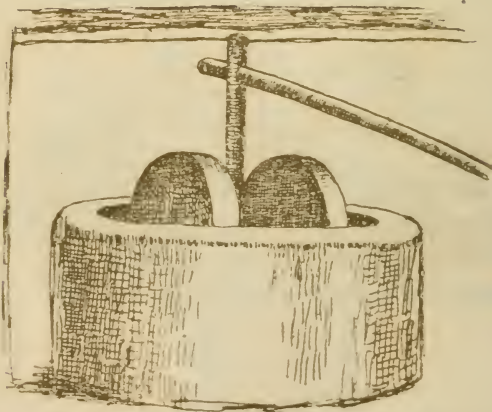
PÃO DE DEUS

TAMBEM os Frutos são um pão divino,
Chamando, e rindo para quem os coma:
—Fulcro da terra, vívida redoma
De alambre e nácar succulento e fino!—

Tambem o Mel é pão: um peregrino
Sustento e alento de ungitivo aroma;
—E' todo uma Floresta, desde a coma
Do cedro, á giesta, ao tôjo pequenino!—

O Mel, é pão... Do proprio favo exausto,
Faz-se um Banquete de solene fausto,
Sôbre a meza do altar, para Jesus.

Alma virginea dos marfideos cirios
Dá fôrça e amparo a Christo, em seus martirios,
—Pois que os olhos de Deus devoram luz!





O SOL

Sei lá! Talvez; no Claustro-Azul, mirífico
Convento das Estrêlas, haja Santos:
—Já me parece ver, por entre tantos,
Sam Francisco de Assis no Sol magnífico!—

Tudo abençoã o seu olhar beatífico.
Por êle, a Terra é toda em verdes mantos.
O Pão e as Rosas são os seus encantos.
E' forte e em gloria, humilimo e pacífico.

Doce irmã Lua é a freirinha: é Clara.
Irmã Pobreza, éle a festeja e ampara,
E ao Homem: lobo que se fez cordeiro.

Noite em martirio: em abandono e enigmas...
—O' serafico Sol, cheio de Estigmas:
Chagas de Christo, luz do mundo inteiro!





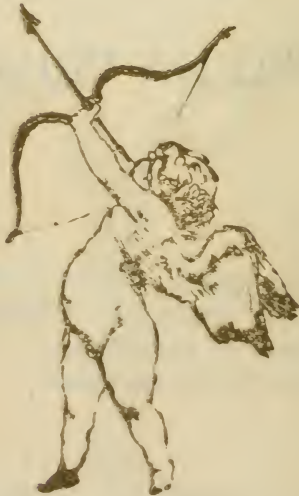
TRIUNFO DA PRIMAVERA

ABRIL. Quem bate á Porta de Oiro? Então,
O Ramo diz: Quem é? — “A Seiva.” — “Suba!”
Como um leão, auriflamando a juba,
A Seiva irrompe em férvido cachão.

Jorra a verdura, aos borbotões, do chão,
Qual vinho môtto extravazando a cuba.
Cada raio de sol é aurea tuba,
Lançando á vida um bélico pregão.

— “Hosana! Hosana! E’ nosso o claro dia...” —
Clama um Vinhedo; e em reptos de alegria,
Sae, o primeiro a erguer pendão e lança.

Vibra na aragem seu virente carne,
Em núncio ritornélo, em senha e alarme:
— “Evoé! Evoé... Saude e Esp’rança!” —





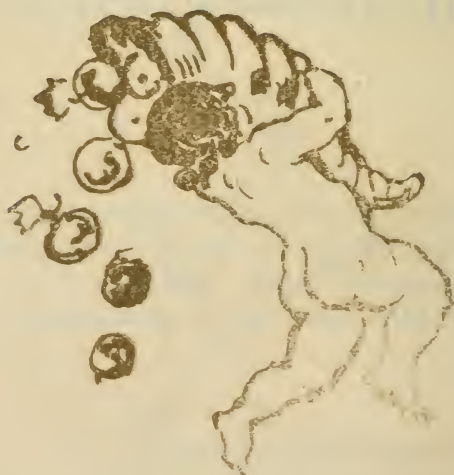
JUNHO PRODIGO

RESTRUGE a Côr, em mil deslumbramentos.
O sol, espalha, em tórno, os seus erarios;
Fantásticos Tesoiros milenarios,
Resurgem, sôbre um chão de encantamentos:

Oiro novo das giestas; penugentos
Musgos, em tom de velhos relicarios;
Rosmanaes de ametistas; inceirdiaris,
Purpureos trêvos, lampejando aos ventos.

Pontifica a verdura: (Das espaldas
Da serra, tomba um manto de esmeraldas.)
A opala e a rosa, servem-lhe de acólitas.

Safiras de agua. Esmalte das lavoiras;
Papoilas de rubim; searas loiras,
Em ondas de topasios e crisólitas...





SURDINA DAS SEMENTEIRAS

A TERRA, freme em som e em côr. Resumbra
Verdura a flux. A Aurora, em cada raio,
E' lira, e vibra:—musical ensaio,
Sob os misticos dedos da Penumbra...—

Alvor que sobe, atrôa, ofusca, obumbra,
Ao vir do garço março ao gaio maio:
Quando o sol já não olha de soslaio,
Mas sim em firme olhar que nos deslumbra.

Rumor longinquo. Um ruge-ruge, em unica,
Setinea nota: o farfalhar da tunica
Da Primavera, roçagando a serra.

Depois, lento prelúdio, humoso e baço:
—A surdina das Seivas, ao compasso
Da mão do Semeador, regendo a terra!





MARCHA DAS CEIFAS

ROMPE, em allegro, a tímida, singela,
Primaveril surdina, estralejando,
—Qual ténue nevoa que se esgarça, quando
Estoira o fulvo sol de dentro d'ela!—

Toda a terra é uma Orquestra, ardente e bela:
Chamaradas de som que vão reboando,
Oirando a côr e a luz, heroico ou brando,
Em vozes de clarim ou charamela.

Eis a Fanfarra do solstício! Em ancia,
A vida é a expressão, a ressonância
De estrídulos, grandiloquos metaes...

E ao longe, ao fundo, em rufo de tambores,
O estrépito e tropel dos Segadores,
—Em junho, a foice em punho,—entre os trigaes!





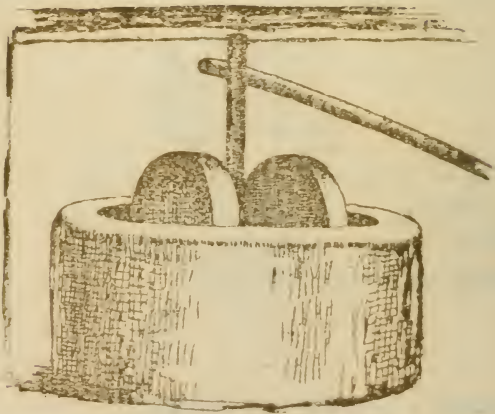
RAPSÓDIA OUTONAL

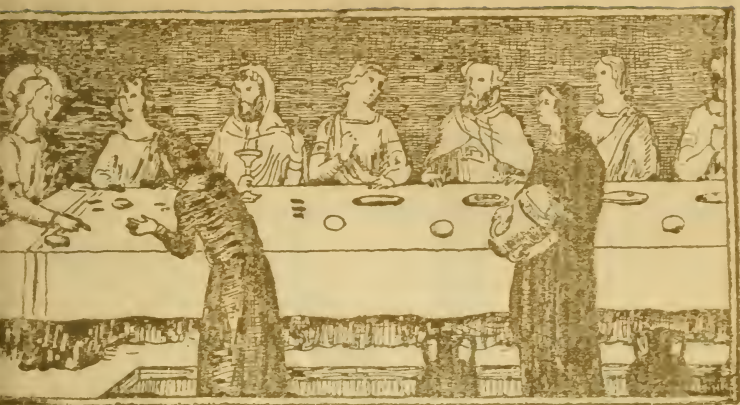
E SVAE-SE a marcha triunfal do Estio.
O Outono, agora, é rapsódia imensa:
Dilue, espraia, ou, subito, condensa
As musicas do tempo fugidio.

Eis o soluço e o canto, ao desafio;
Luz aos trovões, ou rouca e em nevoa densa.
Saudades, já, de quanto inda é presença...
Pausas de sombra, trémulos de frio.

Rondós de Primavera, em oiro e rubro.
Risos de Maio a pizicar Outubro.
Rumor de folhas mortas, ao sol-posto.

Outono...—Em fundo e múrmuro estribilho,
Resôa a tulha, onde marulha o milho;
E freme a adega onde referve o môtto.





CANTO DO LUME

DEZEMBRO! Em lúteos, soturnaes acen tos,
Rebôa um *De-profundis*, longo e fundo...
—O proprio Sol, parece moribundo
Num estertor de nuvens e de ventos. —

Montanhas em funereos monumentos.
Resposos de agua... O pálido segundo
Da Lua, em doce Extrema-unção ao mundo...
Êrmos; espectros; orações; lamentos.

A neve, cae, mortalha fria. Ao longe,
O mar é um Órgão, onde o Inverno, um Monge,
Entôa o *Requiem* de estivaes desejos...

Deixá-lo! Arde a fogueira. O vinho, canta,
Mais doce, aos gorgolejos, na garganta...
—As dentadas no pão, sôam a beijos!





ALMOTOLIA SANTA

Na minha terra, entre aguas e salgueiros,
Ao fundo, o largo côro das montanhas
Como a entoar as épicas façanhas
De lendarios e nobres Cavaleiros...

Na minha terra, ha Santos milagreiros,
(Tantas são as desgraças, e tamanhas!)
Em ermidas sem conta, sôbre peanhas
De viridentes, líricos oiteiros.

A clara Santa que dá vista aos olhos,
Tem votos, orações, rosas aos molhos:
—Vida ás escuras, almas sem luar!—

Mas, nisto, ou vou por ti, Almotolia
Que dás o azeite e a luz...—Santa Luzia
Não tem invejas: ha de perdoar!





ABUNDANCIA

QUE bom sinal, ao tempo da debulha
E dos lagares, quando o Lavrador
Alarga os sabios olhos em redor,
Sorri,—e em longas contas se embarulha!

Começa a espicaçá-lo (como agulha
De oiro bendido) o sôfrego terror
De não chegarem, para tanto amor,
As arcas, o espigueiro, a adega e a tulha!

—Vasilhas?! Onde as ir buscar, aonde?—
Roga-as na aldeia; e todo o mais responde:
—“Vizinho! ia fazer-lhe o mesmo avanço...”—

Fatura santa!—O pão, o vinho, o azeite?
Ande eu a pé, a ver onde é que os deite:
E seja este cuidado o meu descauso!





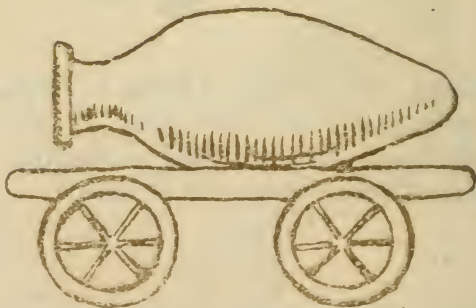
«QUEM POUCO TEM...»

ANDARAM, pelo mundo, o Poeta e o Santo,
A interrogar a vida, dia a dia:
— Ela era a Dôr? ou, antes, a Alegria?
Renúncia e Oração? o Amor e o Canto?

O que era a vida? A terra e o céu! No entanto,
Se, meio a meio, assim se repartia,
Entre as coisas dos homens, qual seria,
Dum lado e de outro, o seu segrêdo e encanto?

Braços da vida, em seu profundo abraço,
Eram, talvez, a Eternidade e o Espaço,
Juntos e opostos no Sinal da Cruz...—

E diz o Povo, humilimo:—“A candeia
E' meia vida; o vinho, é outra meia...”—
—E' que tem sêde! Às vezes, nem tem luz!





CALDO SOLTEIRO

QUE doce e bôa, que profunda liga,
Que nupcias de sustento e de sabor,
Fazem o caldo e o pão do Cavador
No farto bôjo da tigela antiga!

E' verde o caldo, e loira a brôa... Diga,
Quem viu, se não parece, em geito e em côr,
Um gira-sol, abrindo a aurea flor,
Sôbre um tufo de relva, á luz amiga!

Não tendo a brôa, o caldo é quasi nada:
Perdeu o gôsto, e não levanta a enxada;
Homem que é só, lareira sem rescaldo...

"Carne da minha carne..." Um tanto a esmo,
Direi, que enfim o bom sentido é o mesmo:
— Caldo sem brôa?... Que solteiro caldo!





AS SACHAS

QUE riqueza de côr e de harmonia!
Deus é Pintor, talvez... Com que desvêlo
Dispoz a terra para seu modêlo:
Assim, sorrindo á luz do meio dia.

Um plano, e outro, e mais, na sinfonia
E ondulação das coisas. Como é belo!
Ao fundo, a serra; ao alto, o sol. Singelo,
Mas eterno esplendor que tudo cria!

Serpeiam aguas, entre os salgueiraes.
Pombas em bando. Fumo dos casaes.
Meiga expressão, fecunda e primitiva.

Aquém, e além,—em nota mais sonora,—
Gente das Sachas, pelos milhos fóra:
I Tôrsos e gestos de escultura viva!





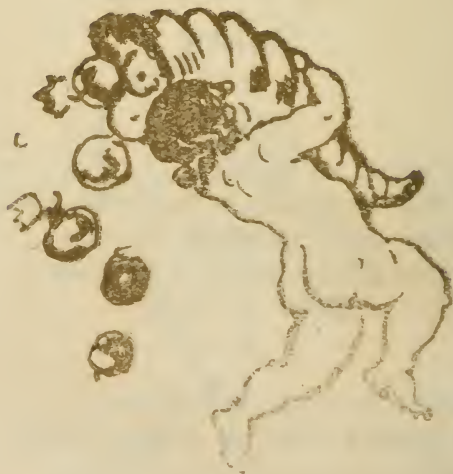
AGOIROS

Um frémito de angústia; um tórvo e fundo
Apêto de alma; um vágado de mêdo;
Poder oculto; vozes em segrêdo
Que parecem chamar-nos do Outro-mundo;

Um Demonio de olhar meditabundo
Que nos espreita, segue: e, tarde ou cêdo,
Ha de tolher-nos no seu negro enrêdo,
Rompendo a treva em fúlguro segundo...

—Eis o sinistro Agoiro, ao nosso lado!
Tombou-se a almotolia?—“Mal pecado!
Azeite pelo chão: penas aos molhos...”

Almas ingénuas! Sim... A pena, é esta:
—Perder a gente, sem proveito ou festa,
Sabôr da bôca, luz dos nossos olhos!





VINDIMAS

D OCE oração junto da morte; esp'rança
A' beira e na ilusão do precipício,
O Outono ri, benefico e propício:
Velhinho Sabio em brincos de criança...

Outubro e Abril: litúrgica mudança!

—A Terra, fez-se altar de sacrificio:

O Sol, qual o missal ao Santo-Oficio,

Mudou do incendio á luz dorida e mansa.

—Capa de asperges, purpura e oiro ardente,
O' Vinha! entre a verdura penitente,
Que sacerdocio é o teu, cheia de fausto?!—

Diz ela:—“Eu prégo o Amor! eu sou o Exemplo!
Deus é a vida; a Terra, o altar e o templo:
E dou-lhe a alma e o sangue, em Holocausto! —”





A FOME

NÃO ha pão! não ha pão... Que praia-mar
De crimes, de miserias, de agonia!
Não ha pão! Não ha pão... Melhor seria
Faltar, ao mesmo tempo, a luz e o ar!

— “Não ha pão! não ha pão!” — De par em par,
A Aurora abriu as portas da alegria:
Pela primeira vez, ninguém batia!
Ninguém, a vez primeira, ousou entrar!

Não ha pão! não ha pão... E Jesus Christo:
—“Meu Pae! que vae no mundo onde eu existo?
Antes dos homens, morreria a terra?”—

E Deus, mostrando as multidões a rastros:
—“Dei-lhes o Amor e a Paz, á luz dos astros...
Não fui eu! não fui eu que fiz a Guerra!”—





PÃO PARA O TRABALHO

FALTÁRA, dia a dia, um jornaleiro,
O mais valente, sabedor e apôsto;
Fui-me onde a êle: — “Então, de sombra e encôsto,
Deixando a safra, onde eras o primeiro?!”

“O pão cae-te do céu? Um dia inteiro,
Roubado á jorna! E leio no teu rosto
Nem eu sei que vergonha ou que desgôsto...
Vem trabalhar, que Deus é companheiro!” —

— “Ah! se eu pudesse... Vê? Tenho os pequenos: Minguava a brôa, e dei-lh’a toda... Ao menos, A minha fome encheu-lhes as fatias!

“Mas enganei a alma, e não a Enxada... Ali a tem! Tombou do braço,—ougada Pelo pão que eu não como, ha tantos dias!,”—





AS MALHAS

No silencio da noite, e no dominio
Do plenilúnio triunfal de agosto...
O azul, docel; a serra, trono e encôsto;
E um não sei quê de grave e de apolineo.

Os Astros, em concilio:—escrutinio
Dum novo Sol eleito? Um Deus deposto?—
Talvez! Mas tudo é paz, é gloria, é gôsto;
E a Nevoa baila, em seu bailar setineo.

Silencio e êrmo... Então, como em fornalha
De sons, em grita e estrondo de batalha,
Rebôa a terra num fragor antigo!

Deuses do Olimpo e Ninfas do arvoredado,
Tremem de espanto. E Pan: — “Não tenham mêdo!
São pobres homens, a malhar o trigo...” —





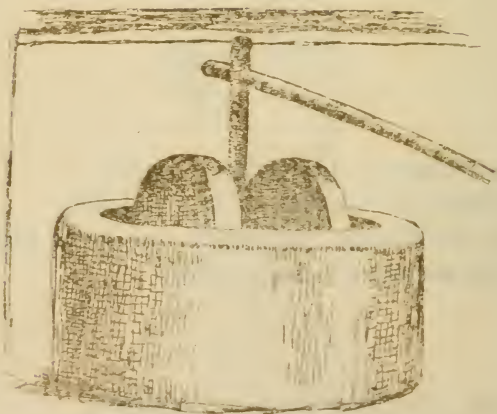
O MOINHO

E RA menino, e já bisonho e serio,
(Infante da Quimera e da Saudade!)
Em lembranças não sei de que outra Idade
Ou Outro-mundo de palôr sidério...

A voz do sino, um ninho, o cemiterio,
Turbavam-me de sonho e de anciedade;
—E o rio, entre salgueiros, junto á herdade?
E a velha azenha, cheia de misterio?—

Misterio, sim, (alma infantil!) e estranho,
Como agora o não sinto ao mar tamanho,
A' propria vida-astral que torvelinha...

—A lua; a agua; os antros do cabouco;
Trovões rolando; as mós a andar; e um pouco
Do Pão da ceia, em nevoas de farinha!





O FORNO

Ás vezes, noite dentro, em plena aldeia,
Surge da treva, assim como um vulcão,
Fundo rombo de fogo: um boqueirão
Maior mais rubro do que a lua-cheia!

— Fogueira acesa, contra uma alcateia
De lobos esfainados? Ou, então,
Um lunaréu, de aviso a quantos vão
Nas ondas, sem enxêrga nem candeia?

Algum incendio? Não! O sino é mudo:
O povo dorme em santa paz... Comitudo,
O fumo sobe, recendente e môrno.

E corre a gente ao som da luz...—E' isto:
O pão dos homens e de Jesus Christo,
Que sae da terra para entrar no forno!





A DÓR

E DISSE o Pão:—“Eu sou o que sustento!
A Fôrça que levanta, activa e ousada,
A pena de escrever, a enxada e a espada,
E opõe a branda vela ao duro vento.

“Eu, sendo o sangue, sou o Pensamento
Que funde o bronze, ou a canção alada,
—Deus sabe em quanta lagrima chorada
Nas dúvidas crueis, no desalento...—

"A vida eu sendo, sou a Dôr bendita
Que revolve as montanhas, e crepita
Nos gólgotas da Ideia redentora.

"Eu sou caminho de almas: Não fosse eu,
Jámais, á terra, baixaria o Céu:
Jesus, — apenas Deus, — homem não fôra!" —





A ALEGRIA

E DIZ o Vinho assim:— “Sou a Alegria.
Horrenda, sim! e vã e expiatoria,
Quando é, sómente, chama transitoria:
Riso carnal, não alma que sorria...

“Mas, se os homens esquecem, dia a dia,
Minha pura e evangelica memoria,
Tambem o Sol é santo, em paz, em gloria:
E olhae que negros crimes alumia!

"Pelo sangue que tenho derramado,
Deslumbramento rubro do Pecado,
Quanto festivo e angelico segrêdo!

"Inspiro o Artista. O mundo torno-o lindo.
Sou a Vitória, alguma vez, —tingindo
De côr heroica a palidez do mêdo..." —





A GRAÇA

E A tímida luzinha, que esvoaça
No pélagos das sombras, ao nordeste,
Murmura, assim, em sua voz celeste,
Dos âmagos da vida:—“Eu sou a Graça!

“Eu sou a que revelo, a quanto passa,
A fôrma, a côr eterna que reveste...
Dou harmonia á Confusão agreste;
Convêrto a Noite, ao canto da vidraça.

"Eu sou o amor; sou oração, vigília.
Sou a Estrêla do Norte, entre a família,
Ao pé da Cruz, por sôbre o leito, á ceia.

"Sou a que vou, e estou. A que procura.
Sem mim, é feia a propria formosura...
—Sou a graça dos olhos: a Candeia!





ONDE A VINHA NASCEU

VALE? alcantil? ou chão virgineo e liso?
— Vinha! em que terra foste revelada?—
Diga-o quem saiba qual mulher amada,
Entre as mais, inventou o beijo e o riso!

Foi á beira do Mar, ou sôbre o viso
De olimpica Montanha consagrada?
—Eva fatal de pampanos coroadas,
Ó Serpe! onde é que foi teu paraíso?—

Pensam: Talvez nas auras do Levante:
Pois vinho é sol, é fogo palpitante,
Quimera, esp'rança e pompa oriental.

E eu digo: Sim! o vinho é sol... Mas vêde:
Nêle ha Saudade, ha luz que se despede...
—O adeus do sol, no extremo Portugal!





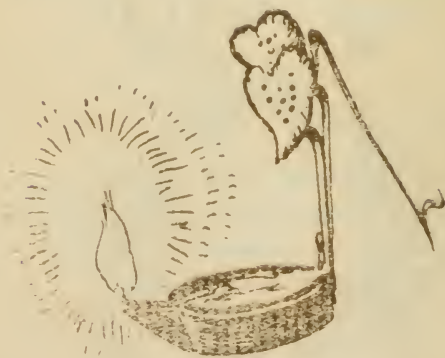
CANDEIA DO MAR DAS TREVAS

L Á vae a Nau antiga, á descoberta.
— Rumo das Indias; genio da Conquista! —
O Mar, profundo e eterno evangelista,
Regouga os salmos... É á Hora-incerta!

A noite, escura, sim, — mas toda aberta
Ás estrélas do céu que a gente avista. —
Ancia e misterio... A Nau, tranquila, emrista
Ao mar sem fim... Só o Piloto, álerta.

Lume apagado, a marinhagem dorme;
Mas a Candeia do Sinal, enorme,
Vigia, ao tôpo, aureolando os mastros.

As estrêlas, fulguram, ás miríadas;
A Nau, embala o Sonho dos Luziadas...
—E a Candeia responde ao olhar dos Astros!





HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

L Á vae a Nau das Indias, á ventura...
A voz do Adamastor, como um trovão,
Ao Juizo-Final da perdição
Invoca o negro Abismo e a negra Altura.

E surge, dum e de outra, horrenda e escura,
—Viva, outra vez!—a imensa legião
Dos Naufragios que foram, e serão,
Rompendo o espaço, o tempo e a sepultura...

Perde-se a Nau! Ao longe, vem, sôbre ela,
Derradeiro bulcão que vae sorvê-la...

— "O Azeite ao mar: doçura ao Monstro amargo!" —

Azeite ás ondas... Maravilha e espanto!
A vaga, tomba; amansa o mar. No entanto,
Rondou o vento... A Nau é salva, e ao largo.





ORAÇÃO E ESPADA

L Á corre a Nau das Índias, á porfia.
Entre as demais, em épica arrancada...
(Punge, no céu, a rôxa madrugada:
E o mar como que em sangue se tingia!)

— "Portugal! Portugal..." — E principia
O fragor da peleja, Armada a Armada...
(Depois, ao poente, a vaga ensanguentada
Era quem dava a côr á luz do dia!)

Levam os homens tempestade ás ondas!
Cada Nau é um trovão de fogo, em rondas
De morte e gloria... A Patria, e Jesus Christo!

Pois cada Nau, tambem, é um Santuario:
Um nicho ao fundo, a Cruz, um lampadario,
Alguem rezando... — Portugal, foi isto!





LAGRIMA DAS COISAS

SOCORRO contra nós, amparo e auxilio,
Senhor do môço tempo e eterno solio!
A' Vida,—qual caudeia á falta de oleo,—
Morrem as chamas da epopeia e idilio.

Herôes? A Lenda é seu longinquo exilio!
E Pan morreu; morreu seu canto eólio!
A terra é velha: como um velho infolio,
Sepulcro e pó do genio de Virgilio...

Outono! Olhae: Nas pálidas videiras
Ha rôxas nodoas de vigilia, olheiras,
Rubor de febre, tragica beleza...

Que foi o vinho?—O rir de quanto existe!—
Chora-o, agora, a terra exausta; e é triste:
—*Lacrimae rerum* sôbre a nossa meza!





PÃO ALHEIO

Ah! pão dos outros... Farta de tristeza
A quem o teve seu, em algum dia.
De pena, em casa alheia se diria
Que Deus ouve melhor a quem lhe reza!

Antes um duro assento á nossa meza,
Do que espaldar de purpura macia
A' Távola-redonda da alegria,
Onde esmolamos honras ou riqueza.

O pão dos mais, como êle é pouco, e amargo!
O pão tambem faz alma! Êle é, ao largo
Da vida, o nosso berço, o lar e o chão.

Ah! pão alheio de pobreza e ausencia...
—Para adoçá-lo, só a Paciencia,
Ou divino conduto: a Gratidão!





PÃO DOS POBRES

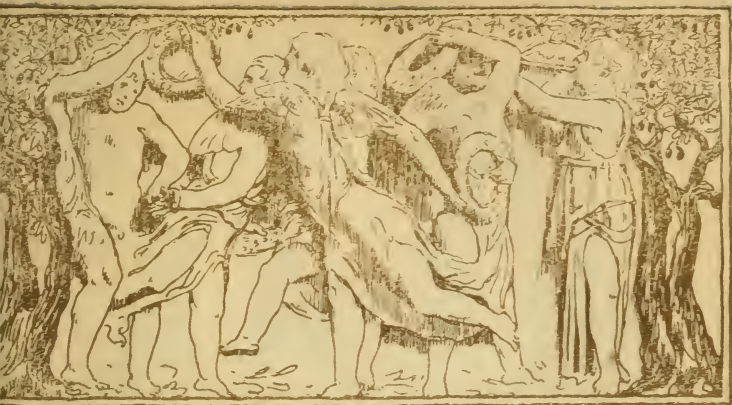
NA minha casa, em dias de fornada,
(Que velhos tempos e costumes nobres!)
O pão da nossa meza e o pão dos pobres
Amanhavam-se á parte, e raza a raza.

Dirão:—Senhor! Em que adianta e atraza
Separação tamanha, inda que sobres,
Inda que faltes, pão? Repique, ou dobres,
Um sino chega... E' repartir-se a braza!—

E eu digo:—Não! Fornada da pobreza,
Ao extremar-se, assim, da nossa meza.
Obedecia a um ritual divino:

—Pois, já medi-la ou amassá-la á parte,
Prolongava, em desvelo, empenho e arte,
A caridade e amor do seu destino.





A CANDEIA DE BUDHA

No meio da floresta, imensa e antiga,
Num refúgio de troncos e de lama,
Budha medita, e bravamente clama
Contra a vida, que tem por inimiga:

—“A vida afronta Deus! A si castiga
Quem no sangue ou nas almas a derrama.
Maldito seja quem odeia, ou ama...
Não sêr, é tudo! O mais, é vã fadiga!”—

Ora, a candeia ouviu. E disse:—“Então,
Porque me acendes, tu! por tua mão?
A luz, é vida que de mim se eleva...”—

E Budha viu, na vívida candeia,
Um Monstro, a devorar-lhe o Sonho e a Ideia,
Como os astros do céu devoram treva!





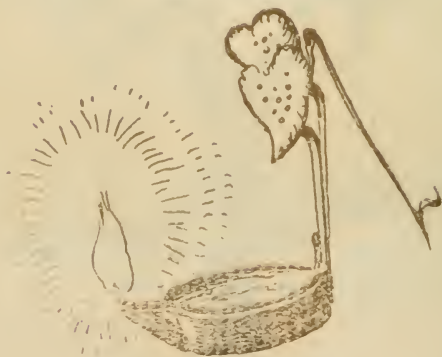
A CANDEIA DE ASSIS

No divino retiro da montanha,
Na clara Porciúncula beindita,
O Santo, entre as mil coisas que medita,
De orações e de cantos se acompanha:

—“A vida, Senhor Deus! como é tamanha:
Irmã fogueira, que por nós crepita;
Louvor, trabalho, amor: lenha infinita...
E haver na terra quem a não apanha!”—

A' candeia, dizia:— "Ó companheira!
E's tu a bela imagem verdadeira
Da vida, em seu esforço e amor profundo:

"Iluminar a Noite, de hora a hora;
E só morrer, — para render na Aurora
A luz já não precisa neste mundo..." —





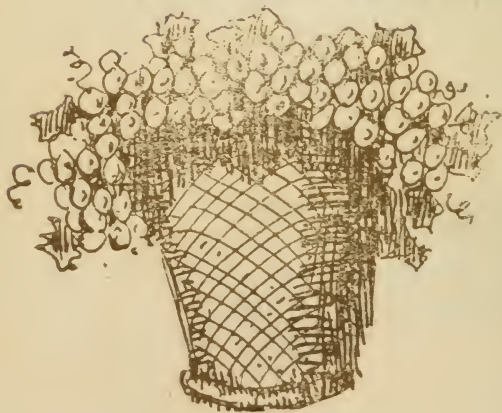
CHAMAE AS AVES

Ah! fôra eu santo, bom como as hervinhas,
E viessem poisar na minha mão,
Em sinal de aliança e de perdão,
Os doces rouxinoes e as andorinhas.

Fogem de nós, entre os pinhaes e as vinnias,
Não tremem, aos ribombos do trovão;
Mas, o bater do nosso coração
Enche de espanto as pobres avesinhas!

— Maria! tu, que as amas tanto e tanto,
E és ave, quasi, em teu andar, teu canto,
Fala com elas: dá-lhes bons conselhos:

Chama-as, convence-as! Leva-lhes migalhas.
A pouco e pouco, vê se as animalhas...
— E poisem, a cantar; nos teus joelhos!





AGUAS DE REGA

O SOL, monstro de chama, a fauce liante,
A luz em fulva, rábida babagem,
Passa, e fustiga a pálida Paisagem
Com a fulminea juba de diamante.

Depois, meteu ao longe... Instante a instante.
A tarde cae. A terra, é uma voragem
De fogo e pó. E' quasi um fumo a aragem;
A verdura crepita, vale adiante.

—Sou Dôr e Séde!—Ao vêr os milharaes
Estorcerem-se á luz, somos iguaes:
A sua propria angústia me sufoca!

Mas, logo, eu oiço uns doces gorgolejos:
Água de rega, que lá vae aos beijos...
—E é como se beijasse a minha bôca!





FATIA DO NOIVADO

ALMA do Povo, ninho de andorinha:
Penas e terra... O Povo, corta á enxada!
Mas, sob esta rudeza afoita e honrada,
Que doce e ingenua vida se adivinha...

—Fatia do Noivado!— Pobresinha
Que seja a Bôda, não importa nada:
Ha, nesse dia, a mais, uma fornada,
E da mais alya, da melhor farinha.

Tereiros um quinhão.—Ao vir da Igreja,
Os Noivos mandam... Ninguém tenha inveja!
E' pão da Festa, e da maior de todas.

Néle ha,—provae!—humana Eucaristia,
Em transfusão de amor e de alegria...
—A aldeia em pezo come o pão das Bôdas!





EM VOLTA DA MASSEIRA

DENTRO do largo bôjo da masseira
Antiga como a talha dum altar,
E' de costume, ao sabado, amañhar
Brôa que farte uma semana inteira.

Que longo Ritual, desde a peneira
De onde a farinha cae, velando o ar,
A' agua que fumega, ao voltejar
Da massa, sob o esforço da Padeira!

Como esta é linda e môça! E que polpudos
E rijos braços, alvos e desnudos...
Busto de Deusa acostumada aos soes!

— Miguel Angelo, vem! E vê... Ao menos,
Já que a não beijas, faz a estátua: Venus,
A amassar pão de rusticos Heroes!





AS SEARAS

NAS searas de trigo, no seu fino.
Doce, ondulante, languido contôrno,
Ha não sei quê do palpitante, môrno
E tentador eterno-feminino...

A's carícias do vento, um andantino
De fuga; e, logo, um cálido retôrno!
Rubras papoilas, em garrido adôrno
Postas ao seio num rubor divino.

Searas de oiro, princezinhas loiras,
No verde encantamento das lavouras,
Levando o Sol por seu mordomo e arauto!

Virtude são, riqueza e formosura...
—Joio?— Talvez. Sendo a semente impura,
Eivado o chão, e o lavrador incauto!





OS MILHARAES

NAS terras feracissimas do Norte,
Correndo a veiga, ou rente aos pinheiraes,
Ha nos austeros, sóbrios milharaes,
Não sei o quê de varouil e forte!

Serios, virentes, aprumando o porte,
As espigas em lança, os triunfaes
Pendões ao vento... Imensos atraiaes
De fecunda alegria, não de morte!

O' milharaes da Beira, entre montanhas
De onde rolaram épicas façanhas
Dos píncaros ao mar das Gerações...

—Vós sois o Pão viril da minha raça:
O Sol o peneirou; a Euxada o amassa,
De encontro á terra, em humidos torrões!





SÊDE NO MAR

NAS longas calmas, pelo nobre Estio,
Sôbre espraiadas ondas latejantes,
De sol a sol, a todos os instantes,
Moureja, afoito, o pescador bravio.

A vela, tomba. O mar, refulge em brio
De espêlho de esmeraldas e diamantes,
Na oval dos horizontes chamejantes.
O vento, dorme, em cálido cicio.

O pescador tem sêde: tal e qual
Como se a luz, o mar com todo o sal,
Ardessem no seu peito, em fragua enxuta!

E então, que bom, Senhor! como é propicia,
—Sôbre as ondas amargas,—a delicia
Dum vinho môço, inda a saber a fruta.





OS BOIS

JULHO. Sol-posto. Ergueu-se a lua, em frente.
Findou a lavra. Cantam rouxinoes.
Quêdos, soltos do arado, os loiros bois
Ollham a terra e o céu, confusamente.

Entre o sol, entre a lua, rôxa e ardente,
A montanha é um canteiro de arreboes;
— Paisagem para Deuses ou Heroes:
Bela de mais, só para o ollhar da gente!—

Juntam, na leiva, as rusticas alfaias
Que Céres inventou. Em roda, as faias
São harpas verdes, sob eólios dedos.

Rôlas. Cigarras. Canticos estrídulos...
— Esfingicos, os bois parecem Idolos,
De guarda a mitológicos segrêdos.





A NOSSA MEZA

HA pão, ha rosas, sôbre a nossa meza;
Janelas, em redor, á serra e ao mar,
Magnificas, servindo á alma, ao olhar,
O mais lauto festim da Natureza!

Rosas e pão... (Um voto de pobreza,
Caberia, a sorrir, neste manjar.)
E' de linho a toalha, inda a cheirar
Aos trêvos e mentrastos da deveza.

As pombas entram: veem ter comigo.
Junto aos meus pés, espera o cão amigo:
Seus mansos olhos poisam-se nos meus.

Nem sempre ha alegria... (E' lei de todos!)
Mas almas em amor, e lindos modos;
— Ha pão, ha rosas, e orações a Deus.





O VINHO E A TAÇA

A NDA na lenda a eterna despedida
Do Rei de Thule á sponsalicia taça
Onde bebêra o amor, o sonho e a graça,
E roja ao mar, como arrancando a vida!

Louvam a copa de oiro, onde, esculpida
Por algum Genio, a vinha se entrelaça;
E Pan espreita, e ri; e um vulto passa:
Corpo de Ninfa, esplendida e despida.

Lembram a taça, e o vinho não! O aroma,
Foi-se! Ficou a imagem da redoma...
E o vinho sim, é que era a essencia rara.

Bebeu-o o Rei, a imaginar que fôsse,
— Assim tão fresco, tão vermelho e doce, —
Bôca de beijos que não mais beijára!





CORAÇÃO SOLTEIRO: CÁLIS VASIO

Ai dos solteiros! Ai de quem o fôr!
— Bravio, escuso ramo de figueira:
Não dá sombra, nem lenha de fogueira.
E mal é fruto e muito menos flor...

Ai também do tristonho lavrador
Da terra fria, onde não ha videira
Que leve o vinho á missa ou á lareira,
Sorrindo a Deus ou festejando o amor!

Coração sem casal, ave sem ninho,
Barco sem vela, monte sem caminho,
Ou cális cheio de agua, ou lar sem braza...

O Povo o diz: — “Além de Jesus Christo.
A alegria dos homens está nisto:
Vinha nos campos, a mulher em casa!” —





A NOSSA LUZ

DEUS fez estrêlas para a noite imensa;
O sol, mais belo, para ornar o dia;
Depois, deu-nos o amor: pois bem sabia
Haver a nuvem, gélida e suspensa...

Os homens, não contentes, (por avença
Com Deus que em orações se pagaria,)
Quizeram a caudeia: a companhia
De quem trabalha, quem vigia e pensa.

Maria! o céu espallia a luz, a rôdos;
Mas luz que não é nossa, que é de todos:
De todos, cada estrêla, o sol e a lua.

Minha,—e só minha!—apenas a candeia...
Não digo bem! Assim, fôra só meia
Tanta ventura... Amor! é minha, e tua.





O CASAMENTO

TRAGO dentro de mim (eternamente,
Amor! as guardarei no coração)
A mais divina e doce escuridão,
E a maior chama que ilumina a gente...

Feliz, ainda a minha alma anda dormente
D'aquela infinda sombra de paixão;
E aquelas labaredas ainda são
A vida em que me trazem tão contente!

—Foi a fogueira nova que acendeste
No lar, a vez primeira que vieste
Depois da Igreja abençoar quem ama;

E foi a escuridão de sonho imenso
Que tu fizeste, ao despregar o lenço,
Apagando a candeia, ao pé da cama.





LAMPADA DO ALTAR

A CAPELA do monte, em frente ao mar,
Sob as pombas em vôo, entre pinheiros,
E' avistada pelos marinheiros
E pelas gentes que andam a cavar.

Ao lusco-fusco, inda entre sol e luar,
Eu vou, chapéu na mão, olhos rasteiros,
Como os antigos, nobres Cavaleiros
Que iam vêr Deus, depois de batalhar.

Eu vou. Vivi e trabalhei. Fiz versos.
E rezo. O altar, em flôr. Santos, imersos
Na sombra, são Visões espirituaes .

Então, acendo a lampada. Suspensa,
Ela baloiça na penumbra imensa...
—E sinto em mim o Deus dos nossos Paes!





FIO DE AZEITE

AZEITE de oiro, num cristal macio,
Alegria da meza e seu adôrno,
Que bem te casas, tu, ao pão do fôrno,
A' verdura das hortas, fio a fio!

Em claro esmalte, ou rustico, sombrio,
Ingenuo barro de aspero contôrno,
Boiam teus olhos de topazio, em tôrno,
Sorrindo á fome, acalentando o frio!

Em sete notas de harmonia:—leite,
Mel, agua, vinho, fruta, pão, azeite!—
Faz-se o canto do Gôsto, á meza cheia.

Azeite! E o canto sobe em alma e em vida,
Da baça Melopeia da comida
Ao radioso Allegro da candeia.





SANTOS-OLEOS

O' CLARO Azeite, companheiro antigo
Dos homens! sê bendito, eternamente.
E's meigo, avontadado e complacente,
Utiil e bom, como um divino amigo!

Sofres tormentos, aspero castigo:
Filho da terra em arvore innocente,
O Sol incarnas, por amor da gente...
Louve-te o Rei, adore-te o Mendigo!

Amacias o caldo, em teu perfume;
Dás vista aos olhos; enches do teu lume
Palacio, templo, ou antro de caverna.

Balsamo vivo, consolando as chagas,
Bemdito! agora, e sempre, — e quando tragas,
Na Extrema-unção, a extrema luz eterna...





LAMPADA DOS MORTOS

ALI, junto ao Sepulcro, ao pé do Altar,
A lampada dos Mortos se consome ;
E ali não chega a vida: a guerra e a fome;
E nem a morte, o Fim, ha de chegar!

Porque, morrer, é vago instante: um ar
De sombra, que perpassa, e logo tome
Outra luz, outros vãos, outro nome...
O mais, não é morrer: é descansar.

A lampada dos Mortos, — como um laço
De fogo, — ali suspende, passo a passo,
A eterna liberdade aos Fugitivos...

E ali, serenos, pálidos e absortos,
O que dirão e sentirão os Mortos,
— Cativos da Saudade á mão dos vivos?





DESTINOS

As nossas pobres almas o que são?
Seára eterna de eternaes espaços:
Sementeira de estrêlas aos pedaços,
Tombando, como a aveia, grão a grão.

De onde é que veem? Para onde é que vão?
A vida e a morte... Quem lhes guia os passos?
Crescem, florescem, nestes vãos e escassos
Dias da terra, em sol e escuridão.

A que Fôrças ocultas dão sustento?
A Deus, em gloria, amor e pensamento?
Ou a Satan, em treva e maldições?

Assim é o pão...— Bemdito, afortunado,
Em Portugal, o pão que houver criado
Santa Isabel, Nun'alvares, Camões!





A CANDEIA DE CAMÕES

NA fria gruta de saudade e exílio,
Camões fundia o bronze da Epopeia...
—Cachôa no seu Canto, em maré-cheia,
O mar, envolto num luar de idílio.—

Graças e Musas, postas em concílio,
Fizeram roda, em tórno da candeia;
Velam, na sombra que tremúla e ondeia,
As Sombras de Petrarca e de Virgílio.

Mas, eis que logo, e subito, se vão,
(Cansadas, já, de tanta inspiração!)
As pálidas figuras estrangeiras...

Só restou a candeia,—tal e qual
Como se ardesse todo Portugal
Em oleo do Jardim das Oliveiras!





O VINHO DE ALJUBARROTA

AGOSTO. Meio dia. A luz, é poalha
De oiro e cristal. Toda a charneca, um fôrno
Em lumaréus de estêvas e de piôrno
E fumegantes éstos de borrallia!

—Era o supremo dia da batalha.—
A frouxo, um vento abafadiço e môno,
Ergue alarido de pendões. Em tôrno,
A gente espera:—“E que o Senhor lles valha!”—

O inimigo tardava:— “Ou foge? ou dorme?,”—
A sêde é já cruel: No vale, enorme,
Nem agua havia para os rouxinoes...

Sómente, a ocultas e devagarinho,
Acaso passa algum pichel de vinho,
Entre o formoso riso dos Heroes.





A TERRA

O' TERRA, amparo, e mãe das criaturas!
Santa Isabel dos mundos, destinada
Entre as demais estrêlas, a Esposada
Do Sol, no claro Reino das Alturas:

Em passos de oiro, pelas cliãs escuras
Da noite, antes que venha a madrugada,
Que levas tu, na imensa arregaçada
De sombra e luar de místicas alvuras?

Levas searas, vinhas, olivedos,
Santa Isabel dos pródigos segredos,
Amparo e mãe de pobres Cavadores.

Verde avental, tão milagroso e santo
Que se desprende á luz: e faz-se o Encanto...
— O Sol, olhando, só encontra flores!





PALAVRAS DE MINHA MÃE

Nossa Mãe ensinou-nos, de pequenos:
(Irmão! que belo tempo, tão feliz...
Nem Portugal, infante, ao sol de Aviz,
Ou parpalhoz de abril, por entre os fenos.)

— “Deus olha nas estrêlas... Ha venenos
Nas palavras a mais que a gente diz.
Não façam mal a quanto tem raiz,
E ao que tem azas, Filhos! muífo menos.

“Descobri-vos, diante dos vélhinhos.
Dos pobres e das cruces dos caminhos.
Apagae vossa luz em grato amor.

“Se vos cahir ao chão uma migallia,
Apanhae-a e beijae-a: (ninguem ralha!)
—Beijando o pão, beijaes Nosso Senhor!





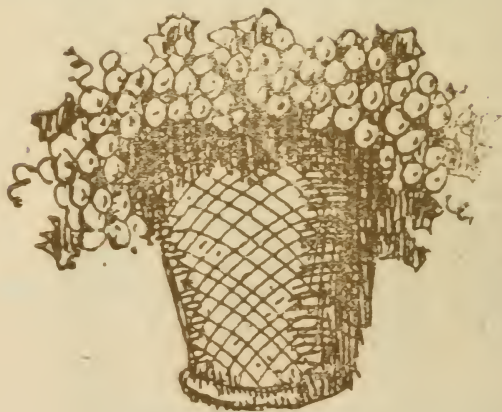
CÚLTO DA BELEZA

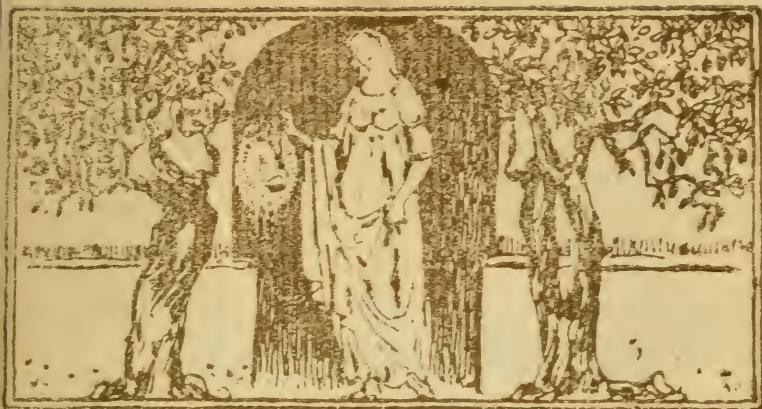
NA cêrca do Convento, um hortelão
Lidava, sol a sol, arado e enxada,
Na terra,—dura e nua,—acostumada,
Sómente, (e mais que fôra!) á horta e ao pão.

Sam Francisco de Assis, dizia, então:
—“E’ util a irmã Horta, consagrada
Ao sustento do corpo, e a bem-amada
Seara loira em que enternece o chão.

"Mas, onde o teu Jardim? Nem um canteiro!
Ser lavrador, não tira o jardineiro:
Sacerdote que êle é, obriga-o mais.

"A Flor, é devoção da Natureza:
—Deus quer, no Santuario, a luz acesa,
E as chamas da papoila entre os trigaes!,"—





PARA ALEM DE NÓS

LOUVADO eu tenho, em viva maré-cheia
De Canto, (que nem sei de onde viria...)
O Pão-Nosso de amor e cada dia,
O alegre Vinho, o Azeite da Candeia.

Pálida chama de longinqua ideia,
Foi mais um sonho louco e vã porfia:
—Os olhos nela, em quanto a vi, não via
Estrêlas em que a Noite se incendieia!—

O' versos meus, calae! Na sombra imensa
Do silencio-Oração é que, suspensa,
Minha alma escuta o Verbo das Alturas.

Candeia a arder, cegou-a .a luz! Agora,
Quando apagada, é que ela enxerga a aurora...
— Os Astros, vejo-os, poudo-me ás escuras!





ORAÇÃO

DESDE a candeia, a arder ao nosso lado,
Pregada ao velador como na cruz,
Bemdito sejas tu,—Senhor! Jesus!—
Por quanto doce bem nos tenhas dado.

De quanto é belo, estável e sagrado,
Ao que, por nosso amor, se reproduz;
Desde as leivas do céu, na eterna luz,
Aos fecundos torrões que faz o arado:

Louvado sejas, tantas vezes quantas
São ondas do mar, as aves santas,
Cantando sôbre os pulpitos da serra .

Bemdito, em todo o lar, todo o caminho,
Pela luz, pelo pão e pelo vinho
Que nos dão, por teu mando, o Sol e a Terra!

PRIMAVERA
1919.



LAVS DEO

INDICE



INDICE

	PAG.
Epigrafe	9
Dedicatória	11
Inscrição	13
Pão Nosso	15
A Agua e o Fogo do Paraiso	17
Na Sombra das Idades.	19
A Maçã e a Hostia	21
Lição das Feras	23
O Gesto de semear	25
O canto das Seáras	27
A Seiva-Espirito	29
A candeia de Homero	31
A Epopeia	33
A Maior Arte	35
A Tentação dos Deuses	37
A Enxada	39

	PAG.
Depois do Diluvio	41
O Maná	43
As Primícias.	45
Quinhão dos Pobres	47
O descanso da Terra	49
A Sombra dos Deuses.	51
Amar a Patria	53
A môça Terra Latina	55
Dos amores de Ruth	57
As Bôdas de Caná	59
Jesus no Horto	61
Pão do Espírito	63
Multiplicação dos pães	65
Eucaristia	67
A Lua	69
Ladainhas de Maio	71

	PAG.
Pão de Deus	73
O Sol	75
Triumpho da Primavera	77
Junho prodigo	79
Surdina das Sementeiras	81
Marcha das Ceifas	83
Rapsodia outonal	85
Canto do Lume	87
Almotolia santa	89
Abundancia	91
"Quem pouco tem"	93
Caldo solteiro	95
As Sachas	97
Agoiros.	99
Vindimas	101
A Fome	103

	PAG.
Pão para o trabalho	105
As Malhas	107
O Moinho	109
O Fôrno	111
A Dôr	113
A Alegria	115
A Graça	117
Onde a Vinha nasceu.	119
Candeia do Mar das Trevas	121
Historia Tragico-maritima	123
Oração e Espada	125
Lagrima das coisas	127
Pão alheio	129
Pão dos pobres	131
A candeia de Budha	133
A candeia de Assis	135

	PAG.
Chamae as aves	137
Aguas de rega	139
Fatia do noivado.	141
Em volta da masseira	143
As Seáras	145
Os Milharaes	147
Sêde no mar	149
Os bois	151
A nossa meza	153
O vinho e a taça	155
Coração solteiro: calis vasio	157
A nossa luz	159
O casamento	161
Lampada do Altar	163
Fio de azeite	165
Santos Oleos	167

	PAG.
Lampada dos Mortos	169
Destinos	171
A candeia de Camões	173
O vinho de Aljubarrota	175
A Terra	177
Palavras de minha Mãe	179
Culto da Beleza	181
Para além de nós	183
Oração	185

OBRAS

DE

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

(Da Academia das Sciencias de Lisboa
e Academia Brasileira)

LADAINHA, 1897. EIRADAS, 1899 (2.^a edic.). AUTO DO FIM DO DIA, 1900 (2.^a edic.) ALIVIO DE TRISTES, 1901 (2.^a edic.) CANTIGAS, 1902. RIMANCE DO BERÇO, 1902, (Fôra do mercado). RAIZ, 1903. ARA, 1904. PARÁBOLAS, 1905. TENTAÇÕES DE S. FREI GIL, 1907 (esgotado). O PINHEIRO EXILADO, 1908. ELOGIO DOS SENTIDOS, 1909. ALMA RELIGIOSA, 1910. CRAVOS, 1910 (Fôra do mercado). AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES, 1911. DIZERES DO POVO, 1911 (3.^a edic.) ROMARIAS, (Separata d'A Aguiã, 1912). A CRIAÇÃO - I. Vida e História da Arvore, 1913 (2.^a edic.) A ALMA DAS ARVORES, 1913. (Adaptação do ante-

rior. Para as crianças.) OS TEUS SONETOS, 1914. MENINO, 1914. A MINHA TERRA - I. Caminho (2.^a edic.) II. Auto do Anno Novo (2.^a edic.) III. A' Ladeira (2.^a edic.) IV. Vida de Lavrador (2.^a edic.) V. D'Aquem e D'Aiem Ondas (2.^a edic.) VI. Do meu Quintal. VII. Os namorados (2.^a edic.) VIII. Auto de Jimbo (2.^a edic.) IX. Um Lenço de Cantigas. X. Cartas ao Vento. - "ESTAS MAL NOTADAS REGRAS...". 1918. "SOLDADO QUE VAES Á GUERRA". 1918. NA HORA INCERTA, ou A NOSSA PATRIA. Livro 1.^o - É PORTUGAL QUE VOS FALA. - Livro 2.^o - VIRIATO LUSITANO. - Livro 3.^o - AUTO DO BERÇO. - 1920.

No prélo (da série NA HORA INCERTA):

L.^o 4.^o - O SANTO CONDESTAVEL

L.^o 5.^o - A NAU CATRINETA

Por motivos inteiramente alheios á vontade do Autor e dos Editores, o apparecimento d'este livro retardou-se perto de dois annos.

Algumas imperfeições—entre as muitas que, certamente, haveria a corrigir:

A pag. 26, ultimo verso, imprimiu-se

Este infinito Acceno

por

Este infinito ~~Acceno~~

A pag. 148, verso ultimo,

De encontro á terra,

por

De encontro á Serra,

A pag. 185. 2.º verso,

São ondas do mar,

por

São as ondas do mar.

Composto e impresso na "Tipografia
Costa Carregal" na cidade do Porto,
Travessa Passos Manuel, n.º 27. Co-
meçou a impressão em novembro de
1919. Terminou em dezembro de 1920.





PQ
9261
C623P3

Corrêa de Oliveira, Antonio
Pão nosso

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 08 12 018 8